

AS ANDORINHAS: palestra de Alberto Faria na
Academia Brasileira. *Ilustração Brasileira*,
[s.l.], n.61, set., 1925.

Andorinha
Palestra de Alberto Faria
na Academia Brasileira

n.º 61

Sob a invocação do vôo das pombas e das abelhas, umas e outras objecto de primitivos cultos totêmicos, fundaram-se oráculos em Dodónia e Épheso, cujas sacerdotisas lhes tomaram os nomes.

Que o mesmo teria succedido, em algum ponto da Héllade, relativamente ás andorinhas, parece indical-o um epitáfio da ANTHOLOGIA, ver-nuculizado pelo Sr. Benedicto Octávio:

Nesta campa, silente ora repouso,
Eu, Chelidônia, a antiga: quando em vida,
Sacerdotisa de Júpiter famoso.

Nos ritos instruída
Das sacras libações, que se preparam
Dos deuses sobre o altar,
Orgulhosa meus filhos me tornaram;
Jamais soffri pesar.

E' que os deuses observam, na verdade,
Todos os nossos actos de piedade
Com vigilante olhar.

Para os gregos, não era hebráico o que as chelidônias escreviam no céu, com as asas, embora estas, reduzidas no páiro das grandes alturas, dessem a impressão visual de caracteres da língua sagrada. Analogamente, para os novilatinos, que também tenham n'alma a divina scentelha da poesia, não é grego a escripta dessas plumitivas na tela firmamentária. Comprova-m-no os hyptasyllabos de Fernando Caldeira:

Hoje, ao ver uma andorinha
— A embriagar-se de luz —
Vôar, vôar, a doudinha!
Por um momento suppuz

Que as pontas de suas asas
Eram pennas de escrever,
E o céu azul sobre as casas
Era o papel... Puz-me a ler.

Oh, meu Deus! era verdade,
No seu vôar incoerente
Eu soletrei, de repente,
Esta palavra: Saudade!

A differença consiste, de certo, em que onde nós, de humor melancólico, ás vezes lemos — **saudade**; elles, de imaginação ridente, liam sempre — **esperança**.

O' Júpiter, quando veremos tornar a andorinha? (por — quando se restabelecerá a felicidade?) era um provérbio em súplica, que Aristóphanes não só recolheu n-AS FESTAS DE CERES E PROSÉRPINA, mas ainda elucidou na **LYSISTRATA**.

O comediographo remoto allude, n-AS AVES, á canção da andorinha, **chelidonizein**, cujos cartores, **chilidonistai**, entoavam procedendo a uma collecta entre o povo. Diz-se que isso remonta a Cleóbulo, tyranno de Lindos, a quem se deve a idéa do petítório gentil, num momento de apuro financeiro. Poetas de nascença, os gregos imprimiam cunho esthético a todos os prazeres, até os decorrentes de necessidades materiaes. Depois de traduzir o canto na elegante prosa de **LES DEUX MASQUES**, Paul de Saint-Victor commentou:

"Mendicité ravissante. L'enfant, deguisé en oiseau queteur, tendait aux aumônes rustiques un nid d'hirondelle, en guise de sébile."

As dadas almoedaveis eram cestinhos de figos, fôrmas de queijos, bolos do trigo e ovos, tudo reclamado em verso, entre as phrases de início e termo, que eu mesmo verto do original:

A andorinha é vinda; ella é vinda
Do anno trazendo a estação linda!
.....
A porta abri-nos, sem demora,
A nós, da vida em plena aurora!

O costume, referido por Théogonis, em sua obra a respeito dos sacrificios rhodonianos, extendeu-se a Athenas, onde as creanças modu-

lam a **canção da andorinha**, agora na data fixa de 1º de Março, ao percorrerem as ruas levando imagens de passarinhos, dos reputados nuncios primaverais. E vemos, pelo traço pinturesco, que se confunde no extremo occidente, para o qual irradiaria, através da França quiçá, com o da festa do cúco, a 21 desse mês, quando os campôneos, em passeata jovial, restituem á liberdade avículas, mandando-as de uma freguezia a outra. Vestígio, desta, no Brasil, foi-me communicado pela mineira Alexina de Magalhães; em carta de 30 de Março de 1911, escrevia-me a hoje extincta professora, natural de S. João d'El-Rey:

"Andorinhas, tico-ticos e outros passarinhos das **Alleluias** sanjoannenses, costumavam, em meu tempo de mocinha, servir de mensageiros da alegria nos templos cathólicos. Com fitinhas azues presas aos pés, atiravam-nos das varandinhas do côro, das coxias, dos púlpitos, sobre a multidão, a côalhar de preto o assoalho dos mesmos, não havendo, como ainda não havia, nelles, cadeiras nas naves, e rara sendo a senhõra que durante as festividades da **Semana Santa** se animava a ficar de pé."

Mais que a **festa das árvores**, já adoptada no intuito de conjurar ruína futura, impõe-se a nosso espirito de conservação a **festa dos pássaros**, cuja iniciativa lembro a educadores da infância, para combater perigo sempre actual; porquanto o desapparecimento delles também importa em risco á vida humana. Realizando-a periódicamente nas escolas, conviria ler então ás creanças páginas de Salvador de Mendonça, no romance **MARABA**, descrevendo o secular asylo das andorinhas do Salto de Itú; ou as consagradas ás de Campinas, onde se conglomeram á cerca de vinte annos, em livro do abbade Gafre, discurso de Ruy Barbosa, poema do Sr. Alberto de Oliveira, chônicas e phantasias das Sras. Julia Lopes de Almeida e Amélia de Rezende Martins, etc., as quaes páginas podem formar collectânea, além de suggestiva, devéras bella, como attestam dois extractos que ides ouvir.

A meu querido collega, o Sr. Aloysio de Castro, que disse ha pouco:

Cada vôo é um poema e uma figura:
Felizes os que vivem decifrando
o que as asas escrevem pela altura...

peço que vos transmita a impressão de uma figura de Ruy Barbosa, em trechos do discurso proferido a 24 de Junho de 1911, no **Centro de Sciências, Letras e Artes**, de minha amada terra adoptiva:

"Muitas e muitas vezes me attraui aqui, nas tardes de estio, á vossa praça de Carlos Gomes o espectáculo da volta das andorinhas. Louvada seja a vossa edillidade, por haver respeitado essa maravilha, e não ter resfeito a antiga pousada a esses alados mensageiros do espaço. Os extranhos, os peregrinos da curiosidade e do gosto virão com frequência contemplar embevecidos, como eu, o incomparavel quadro vespertino. O pincel dos amigos da natureza trabalhará por debuxal-o nas telas com as mais suaves tintas da sua palheta. Algum poeta o dedilhará na lyra, em versos que perdurem como os de Anacreonte.

Eu não canto, nem pinto; mas revêjo e recordo.

Pelo límpido azul já sem sol, antes que se lhe esváia de todo o ouro dos seus átomos de luz, mas quando o crepúsculo entra a desmaiar do seu brilho a saphira celeste, um ponto retinto, perdido nos lonjes mais remotos, se accentua em negro na cúpola do firmamento, lá, bem no alto, bem de cima, como si a ponta de uma seta, desfechada perpendicularmente de além, varasse alli a redondeza anilada.

Era um, e, logo após, são muitos, já vêm surdindo innumeraveis, já parecem infinitos; já se cruzam e recruzam; já se encontram e circulam, já se condensam e escurecem. Eram um grupo, e já formam um bando, já vêm crescendo em longas revoadas, já se refervem em enxames e enxames,

já se extendem numa vasta nuvem agitada. Toldaram o céu, encheram o ar, vêm-nos ondeando sobre as cabeças. Agora, afinal, com os movimentos de uma grande vaga sombria, ponteadas de branco, a librar-se entre a terra e a immensidade, baixa a massa inquieta, rumorejando, oscilando, fluctuando, rasga-se na corôa das palmeiras, açouta os fios telegráphicos, resvala pelos tectos de casario, e, ao cabo, arfando e remoinhando, turbilhoando e restrugindo, com o estrépito de uma cascata argentina, de uma cachoeira de crystaes que se despedaçam, chilreada immensa de vozes, granznidos ás dezenas e dezenas de milhares, perde, mergulha e desaparece, numa immensa curva borbolhante, por sob o largo telheiro abandonado que essa aérea multidão erradia elegera entre vôo para abrigo do seu descanso nas cálidas noute de verão.

Quando os meus olhos seguiam a evolução desse phenomeno encantado, como a consciência segue os seus pensamentos, o coração as suas saudades, a phantasia as imagens de seu sonho, figurava eu que, um dia, tres séculos atrás, um aborigene dessas regiões, sósinho nessas alturas des povoadas, estaria vendo também, com admiração e pasmo, assomar nestas paragens, cobertas agora pelos vossos cafezaes e pela opulência das vossas cidades, o primeiro emissário de um desconhecido mundo, cuja audácia transpuzera o mar tenebroso como o destes emigrantes do espaço vinga os céus incommensuraveis.

Após esse, no seu encaço, vieram acudindo outros, outros e outros, familias, tróços, ranchos aldeamentos, povoados, villas, exércitos, colônias toda uma raça de heróicos aventureiros, que galgava as serras, semeava os campos, domava o caudax, transpunia as catadupas, revolvía as minas, affrontava os desertos, rompia as selvas abysmando em assombro os primeiros habitante destes ermos, e alastrando essas mysteriosas terras com uma inesperada enchente humana.

Deante della, o autochtone, attônito e vencido, alongou-se pelos recessos, cada vez mais distante da solidão inexplorada, e sumiu-se nas últimas fronteiras do continente invadido, á medida que, no território abandonado pelos soberanos d'outr'ora, se agigantava esse poder novo e irresistível: a **civilização paulista**, em cujo horizon scintilla tão distinctamente a estrela de Campinas."

Agora, um poema, recitado pelo próprio autor, a meu pedido ainda.

Ides ouvir Theócritto, senhoras,
Ou, como apraz... de Téos o citharedo.;

porque em vossa memória "perdurem como os d'Anacreonte", os versos do sr. Alberto de Oliveira, **A's andorinhas de Campinas**:

Andorinhas do céu de Campinas, viajeiras
Dos descampados do ar, na terra em que as palmeiras

São mais verdes e o azul mais diáphano, jamais
A tarde esqueceréi, em que vi, festivaes
Sobre a vossa cidade e as árvores vizinhas,
Voardes, buscando o pouso, ó leves andorinhas

Das commoções do dia exagitado ainda,
Viva na alma sentindo impressa a imagem linda
Da natureza nova em seus encantos, eu
Ansioso esquadrinhava os recantos do céu,
De onde devíeis vir, e onde ás nuvens do Poent
Tingia, entrado, o sol de ocre e cinábrio ardente

Que formosos que sois, crepúsculos do Sul!
Frocados arreboes, — tendas do Sahara azul
Do Ether! luz a vasquear em somnolentos raios
Vossos reflexos de ouro e serenos desmaios,
Ao que extasiado os vê, nas rotinas lhe vão,
Enchem-lhe os sonhos bons, descem-lhe ao coração
E accordam-lhe, banhando-o em sua claridade,
Desejo de ainda os ver e uma vaga saudade.

Eis já, porém, chilreando, as primeiras de vós,
Hospedas do ar! E cem outras ahi vêm após,
Cem e cem, mil e mil... E errantes, bando
[bando]

por insectos, cobertos de lagartas, a que outr ora davam combate, sem do trabalho ter remuneração, milhares de pássaros diversos, hoje quasi desapparecidos.

E o desapparecimento lamentavel, que reduz uns á pobreza, outros á miséria, é consequência da caça condemnavel, da caça maléfica, da caça aos pássaros e passarinhos úteis, — pois que indubitamente chamam **caça** esse exercicio abominavel, determinado pela **auri sacra fames**.

São os agentes dos manufacturheiros, errantes e desinteressados das situações locais, que a prodemovendo, ermando bosques, campos e jardins, onde as árvores apodrecem, as searas definham e as flo-res murcham, verminadas e constringidas pelos pulgões, na ausência dos zeladores naturais.

Não tenhaes a ingenuidade de pensar que semelhante perigo esteja lonje de ameaçar-nos tambem. Na zona septentrional do Brasil, de alguns annos para cá, é notavel o commercio de beija-flo-res mortos, destinados á exportação. Isto foi denunciado pelo fallecido naturalista Emilio Goeldi, no livro **AS AVES**, de 1892.

O ex-director do **Museu do Pará** achava incalculavel, já nessa época, o numero das bellas avesinhas sacrificadas, para satisfazer a exigência de certas modas. E citava o caso de uma proposta de Paris a negociante da Bahia, recusada prompta e terminantemente, da compra de pelles de colibris a 10\$000 o cento...

Pois agora, nos primeiros dias de 1925, a imprensa paulistana, deveyras alarmada, noticiava em-preitada sinistra, a de um italiano vindo a nosso paiz, afim de contractar a matança de beija-flo-res, 25.000 — si não possível 60.000 a 70.000!

Pelo **Estado de S. Paulo**, o sr. Edmundo Navarro de Andrade, chefe de serviço no **Horto Florestal de Rio Claro**, glosava o perigo eminente.

"A destruição de sessenta a setenta mil pássaros insectivoros, assim de pancada, pôde causar-nos consequências funestas, difficis de prever. O desequilibrio biológico, a que isso dá origem, pôde acarretar até o desapparecimento de certas culturas. Simples exemplo illustrará melhor o caso. Um único stephanoderes pôde produzir, em curtissimo espaço de tempo, dada sua rápida evolu-

ção, dezenas de milhares de insectos, sufficientes para a destruição de uma safra regular. Imagine-se por aqui o serviço que presta um lindo beija-flo-r, que ingere diariamente dezenas de insectos!

Pôde-se dizer que a broca de café deve ter sido bastante dizimada, em Campinas, pelos enormes bandos de andorinhas, que sua Municipalidade tem a feliz idéa de proteger."

Essa glosa talvez seja a que mais pesa no animo dos governantes, por seu **caracter pratico**.

Mas ainda bem... para os governados. Apòs a dizimação dos beija-flo-res, em má hora empreendida, porquanto elles representam filtros aérios, absorvendo micro-organismos; depois de similhante calamidade, viria a dizimação das andorinhas, as mais preciosas entomophagas que possuímos.

As andorinhas alimentam-se, na maior parte, de moscas e mosquitos, vale, dos piores inimigos da humanidade, conforme assentou a sciência, declarando-os transmissores de terriveis moléstias, em cujo quadro figuram a palustre e o typho-icteroyde.

Protegendo-as, aliás, nada mais faremos que proteger-nos. Assim, a defesa collectiva repousará numa caridade muito facil, decorrente do próprio egoismo individual...

Terminarei, gentis donas e amaveis cavalheiros, dizendo-vos que as andorinhas são nossas deusas tutelares, a guarda da saúde de nossas famílias. Isto, que a sciência firmou, já a religião previra, como se deduz da seguinte lenda da Côte d'Or. E, bem sabeis: ouro é o que ouro vale...

Pouco antes dos animaes deixarem a Arca de Noé, a serpente mandou um mosquito verificar, por sucção, qual o melhor sangue. Tornando o mensageiro, ia communicar-lhe a superioridade do humano; mas, intervindo célere, a andorinha correu-lhe a lingua com o bico. Furiosa, a serpente quiz vingar-se de nossa espontânea protectora, devorando-a alli mesmo. Felizmente, ao aboccal-a pelo appêndice, só lhe attingiu as penas do centro.

Desde então, nota-se uma falha no meio da cauda da andorinha...

Oiro velho do sólo, oiro do trigo,
Pepitas de oiro do meu campo amigo,
Verdes mattas de troncos impolutos,
Eu sinto o orgulho que ha nos lavradores:
Gozo a gloria divina dessas flores,
Amo o esplendor nativo desses fructos!

O D E S T I N O
Dentro de mim, ás vezes, se levanta
um rebelde, que odeia a minha vida,
que odeia tudo que minh'alma canta,
numa infecundidade de suicida.

Mata toda a illusão que me acalenta
e, barbaro, me humilha e me intimida,
tanta sêde de sangue e de odio, tanta,
contra a minha ventura destruida!

T E R R A B Ô A

"Meu filho, a terra é bôa". E eu fui crescendo,
Vendo as arvores fortes destendendo
Amando a terra que me dêra o pão,
Gigantescas raizes pelo chão...

Saudade... Até parece que estou vendo
O taquaral cercado a plantação
E as espigas ao sol enloirecendo...
Terra coberta de vegetação!

De Alcides Barros Cassal

F E L I Z

Minha felicidade, emfim, consiste
naquillo que provem do meu trabalho,
pois se desejo apenas o que existe,
apenas me envaldeço do que valho.

Se passa, ás vezes, um momento triste,
basta a fé que me enrija e, então, batalho
e fico tal a flauta que sentisse
nova seiva a cantar de galho em galho...

Gozo com anciaz os dias de alegria,
não temo as horas de melancholia,
que vem da enfermidade dos crepusculos.

E homem, quero viver de alma impoluta,
feliz e forte á mundanaria luta
da minha intelligencia e dos meus musculos!

Se me sinto maior, num brusco aceno,
levanta sua dextra soberana,
para mostrar-me quanto sou pequeno...

E eu fico triste, enfracuecido, exangue,
e elle carrega numa furia insana,
preso á bocca, um punhal tinto de sangue!